

NAVEGANDO PELO RIO DAS AMAZONAS

Imagens de gênero nas crônicas de viagem

Dr^a Maria Izilda S. Matos

Dr^a Maria Izilda S. Matos

Prof^a Associada do Departamento História da PUC-SP e Coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher-NEM/PUC-S

Nesta unidade buscar-se-á refletir sobre os mecanismos de construção das identidades de gênero através da análise da lenda das Amazonas, traçada pelos europeus que chegaram à América. A importância do mito das Amazonas durante a Conquista liga-se ao fato evocar uma sociedade constituída exclusivamente por mulheres e identificada com a "desordem".

Serão analisados os perfis de gênero presentes no imaginário na época da Conquista, expresso por algumas crônicas de expedições ao Amazonas, em particular as de Frei Gaspar de Carvajal (1541-42) e Padre Cristóbal de Acuña (1638-39). Esses relatos expressam as representações do masculino-feminino que condicionariam as relações de gênero no Novo Mundo. Assim, algumas questões se colocaram: a historicidade das relações de gênero; a dinâmica da construção das imagens masculina e feminina através de um processo interno de influência mútua, simultaneamente constituintes e constituídas; as permanências e modificações por que passaram; como circulavam numa sociedade cuja normatização estava sendo encaminhada; como teciam as relações de poder; como o imaginário relacionou-se com experiência social e pôde refletir, expressar e/ou ocultar suas contradições.

Mulheres Guerreiras

Difundido mais diretamente pela mitologia grega, o mito das Amazonas antecede essa cultura, sendo encontradas referências em culturas pré-helênicas que viviam às margens do Mar Negro (Cítia) e no norte da África, onde o mito relata mulheres conquistadoras que combatiam duas a duas, unidas por cintos e juramentos, e teriam subjugado os nômades, etíopeos e os atlânticos africanos, americanos ou oceânicos. O nome "amazonas" denota "ligação" (do grego ama = união + zona = cinto), sendo o cinto também identificado como guardião de seu voto de virgindade.

As Amazonas foram também identificadas como um agrupamento de mulheres guerreiras que teriam habitado a região do rio do Ponto (Ásia Menor). Segundo a etimologia tradicional, mas pouco comprovada pela iconografia, queimavam e mutilavam o seio direito (a = sem, privação + mazon = seio) para poderem mais facilmente manipular o arco ().

Na *Iliada* de Homero e nos livros de Heródoto são apresentadas como numerosas, decididas e insígnias com os cavalos; comunicavam-se através de curtos e rápidos diálogos, possuíam espírito aventureiro, fundaram cidades, eram exímias caçadoras e guerreiras. Gregos e Amazonas tornar-se-iam inimigos históricos, como mostram alguns relatos: o rapto da princesa Antíope por Teseu, que levou-as a invadir a Ática; o combate entre a rainha Hipólita e Hércules, cujo nono trabalho foi obter o seu cinto de poder; Pentessiléia destacou-se entre suas companheiras enfrentando Ulisses na Guerra de Tróia, tendo sido morta por ele.

Na Antiguidade, como o poder mágico feminino fosse considerado necessário à vitória, a inclusão de mulheres guerreiras nos exércitos não foi pouco usual, sendo encontradas referências à sua participação entre vários povos ().

Plutarco, Hipócrates e Platão fazem referências aos costumes e às façanhas das Amazonas. A estatuária, os vasos e os baixos relevos popularizaram suas lutas e as tornaram um símbolo de vigor e de poder.

Segundo alguns autores, o mito das Amazonas representaria a época histórica em que o matriarcado reinou na humanidade. Seu declínio, nessa interpretação, pode estar vinculado ao destronamento da divindade suprema feminina e à substituição de um governo de mulheres. O mito também é identificado com a transição do matriarcado para o patriarcado, já que as Amazonas sempre eram vencidas e acabavam domadas.

O mito das mulheres guerreiras permaneceu ao longo do tempo presente no imaginário e na história de vários povos: gregos, eslavos, germânicos, celtas, hindus, africanos. Nas sagas nórdicas encontramos as Valquírias, que possuíam o poder de decisão da batalha, recolhendo em seus cavalos alados os corpos mortos para conduzi-los ao

Valhala, na versão das Edda ou da Volsunga Saga (). Destacou-se entre elas a figura lendária de Brunhilda, rainha da Islândia.

Relatos descrevem a presença de batalhões femininos na Irlanda até o século VII, quando a cristianização, de uma certa forma, condicionou as mulheres a abandonar as armas. Reaparecem menções à presença feminina no exército norueguês, quando de sua invasão à Irlanda no século X.

As guerreiras freqüentavam as epopéias de cavalaria dos fins da Idade Média e início do Renascimento, em momentos de convocação para a guerra, como na Reconquista da Península Ibérica, quando a imagem da mulher guerreira foi intensamente recuperada ().

Alguns escritores que trataram sobre "mulheres ilustres" incorporaram quase sempre o mito, inclusive em relação a Joana D'Arc. O mito, além de utilizado em relação à mulher guerreira, também esteve vinculado à legitimação do governo feminino, como no caso de Elisabeth I, da Inglaterra e outras rainhas européias.

Na literatura, em relatos e em provérbios a imagem das Amazonas também se manteve presente. Christiane de Pisan, em 1626, se encantava em expor exemplos de antigas mulheres conquistadoras, acrescentando personagens à lenda das Amazonas.

Essa presença das Amazonas na literatura e na iconografia foi reforçada por viajantes europeus que desde o século XVI se referiam com admiração e espanto às guerreiras entre a população da América e da África. Viajantes portugueses do século XVI informavam de Amazonas na Etiópia e, mais ao sul, na Monomotapa (atual Rodésia). Estas, como as do Daomé, eram guerreiras a serviço de um monarca africano, que lhes havia concedido um território no qual viviam sós.

Em 1493, Colombo, imaginando que iria ancorar na Ilha da Mulher, que segundo Marco Polo ficava no Oceano Índico, escreveu aos reis de Espanha que ouvira falar da Ilha do Matrimônio (atual Martinica), onde viviam apenas mulheres, que usavam armaduras de cobre.

Elas apareceram também nos relatos de viagem, como no Diário da expedição de Fernão de Magalhães, escrito por Antonio Pigafetta:

"Também nos contaram que a Ilha Ocolora, abaixo de Java, é habitada exclusivamente por mulheres. Estas são fecundadas pelo vento e quando nasce o bebê, se é macho matam imediatamente, se é fêmea, a criam. E matam todo o homem que se atrever visitar sua ilha."()

Já em 1524, Francisco Cortés, a caminho de explorar a costa pacífica do México, levava entre suas instruções a de que ficasse atento às Amazonas, que provavelmente ali viviam escondidas entre as árvores.

Depois de longa viagem pelo Amazonas, De La Condamine (1743-44) propagou a lenda das Amazonas americanas pela Europa. Segundo ele, essas mulheres conheciam os segredos das pedras-verdes (muiraquitãs: amuletos duríssimos semelhantes ao

jade), e estavam organizadas numa república. Alexandre von Humboldt (1799-1804) também recuperou o mito, levantando a possibilidade de as mulheres de uma ou de outra tribo, fartas da opressiva escravidão em que os homens as mantinham, terem fugido para as selvas, se reunido em hordas e adotado pouco a pouco, para a manutenção de sua independência, um modo de vida belicoso.

Em plena era vitoriana, viajantes ingleses se referiram com admiração e espanto aos esquadrões femininos do exército do Daomé, cujas tropas de elite eram integradas por mulheres ().

Assim, a persistência do tema da mulher guerreira e poderosa continua a manter o fascínio e a instigar pesquisadores de diferentes períodos.

O rio, a selva e olhar dos cronistas

A conquista do Novo Mundo era considerada o grande feito do homem europeu, que enfrentando mares tenebrosos, passara a dominar e controlar um espaço desconhecido, subjugando culturas exóticas. Os relatos de viagem ao Oriente, que desde o século XIII noticiavam a existência de riquezas fabulosas, excitavam as mentes européias. As mudanças de perspectiva e a incomensurabilidade espacial vivenciadas nas aventuras marítimas estimulavam no universo mental desses viajantes a criação de referências a mundos maravilhosos, construídos através da redescoberta do mundo antigo e de sua cosmovisão, bem como inspirados nas cartas e crônicas dos viajantes que tanto haviam incrementado o imaginário medieval. Assim, para esses aventureiros, a América representava o lugar de "concretização" de sonhos que remontavam às escrituras e/ou lendas do período clássico e que circulavam no imaginário europeu nos inícios da época moderna().

Para os cronistas do Novo Mundo, o discurso sobre algo que não se conhecia demandava uma comparação com algo já conhecido, como os relatos de antigos mitos da tradição greco-romana, já que a Renascença européia proporcionava a redescoberta do mundo antigo e de sua cosmovisão. Assim, a fauna e flora exuberantes, os lugares exóticos, a riqueza conquistada sem esforço, as monstruosidades corporais e as Amazonas povoavam o imaginário dos navegantes que ousavam enfrentar a aventura transoceânica.

O olhar desses viajantes encontrava-se carregado de imagens que evocavam um espaço (rio, floresta) que se assemelhava a um palco de excentricidades. O rio, a rica fauna e flora apresentavam-se ao viajante como barreiras quase intransponíveis, um desafio à tentativa de capturar o que a mata "escondia" e desvendar o que estava por trás do que se podia ver (). Diz Acuña:

"... o rio das Amazonas banha reinos mais extensos, fertiliza mais planícies, sustenta mais homens e aumenta com suas

águas oceanos mais caudalosos. Para vencê-los em felicidades, só lhe falta ter sua origem no Paraíso, como daqueles outros afirmam grandes escritores. A respeito do Ganges, conta-se que nele deságuam trinta caudalosos rios, em cujas praias se vêem areias de ouro, inúmeros rios deságuam no das Amazonas, que também possui areias de ouro e banha terras que guardam em si infinitas riquezas. O Eufrates..., como assinalou Santo Ambrósio, porque com suas águas alegre os campos, de sorte que as terras banhadas em determinado ano asseguram colheita abundante... A respeito do rio das Amazonas pode-se afirmar que suas margens são, pela fertilidade, paraísos, e, se a arte ajuda a fecundidade do solo, todo ele terá aprazíveis jardins... As províncias vizinhas ao rio das Amazonas não necessitam de bens raros, porque há abundância de peixes em suas águas, de caça em suas montanhas, de pássaros em seus ares, de frutos em suas árvores, de colheita em seus campos, de minas em seu solo, e os nativos que ali habitam possuem muitas habilidades e aguçada inteligência para tudo o que lhes importa..."()

A edenização da natureza(), o encantamento frente às matas, animais e terras registradas nas crônicas, expressavam as potencialidades do Novo Mundo. Reconstituía-se o mito do Eldorado, agora assimilado à imagem da América e evocando a riqueza como um valor eternamente perseguido pelo homem. Acrescia-se a isso a descrição dos povos indígenas, estranhos aos olhares do europeu, como gente de hábitos e costumes associados a animalidade. Todavia, a repulsa hostil coexistia com visões complacentes (), num movimento de descoberta do outro, exercício de reflexão do próprio ser, relação em que se identificava o Eu no Outro e o Outro em Si mesmo.

Com um olhar dirigido, o cronista selecionava informações, construía um cenário, exagerava nas cores, sob um viés que se dizia de "civilidade", de "salvadores de almas". Desta forma, a retórica das crônicas portava um tenso dualismo, um conflito entre as forças do bem e do mal. Tais tensões aumentavam no decorrer das expedições e somavam-se às queixas contra o desconforto da viagem e do ambiente tropical: calor, insetos, insalubridade, etc.

Tensões entre o racional e o maravilhoso, o pensamento laico e o religioso, o poder de Deus e o do diabo, o bem e o mal marcaram as concepções diversas acerca do Novo Mundo (). As visões, em geral, se sedimentavam não apenas neste dualismo Paraíso/Inferno, mas também em múltiplas visões utilitaristas, edênicas, eurocêtricas, ambíguas, em meio a exacerbadas concepções espirituais, ambição e a cobiça que coloriam o universo mental desses viajantes (). Entretanto, a maneira como os europeus enxergavam o Novo Mundo e seus habitantes não era homogênea: *"antes de ver, conhecer e reconhecer, cada viajante parecia ver-se, conhecer-se e reconhecer-se nesses encontros..."* ().

O viajante descobre e reinventa o que vê; suas crônicas são carregadas de significações construídas através de uma rede intrincada e plena de ambigüidades, fruto de um choque cultural; o cronista justifica práticas, propagandeia riquezas, mas não esgota em cada relato a possibilidade da conquista, as potencialidades das novas terras e de seus habitantes.

No caso das crônicas amazônicas, particularmente representativa são as de Carvajal e Acuña. Ambos foram religiosos que acompanharam as empreitadas das conquistas e documentaram em suas crônicas os acontecimentos ocorridos durante as viagens, descrevendo tudo o que os cercava e registrando os atos de posse da expedição, geralmente consagrado com a fixação de cruzes e a proclamação dos índios como vassallos do rei. Deve-se ponderar, no entanto, as diferenças entre os dois cronistas, considerando a época em que cada um escreveu e seus estilos.

Acuña, tal como Carvajal, dedica-se a descrever a natureza, mas já não está a serviço do capitão, e sim da Coroa espanhola. Carvajal enaltece o caráter épico da conquista e a fibra dos heróis. Em suas crônicas não se distingue o maravilhoso do estranho, os membros da expedição são dotados de uma idealizada perfeição heróica, revivem-se as recordações de antigas regiões da Espanha. Em Acuña é como se os guerreiros tivessem desaparecido, de forma que ele passa a desenvolver um trabalho de etnógrafo, descrevendo as margens do rio, sempre muito férteis, apregoando a importância da colonização dessas terras e da salvação das almas dos índios, sem contudo deixar de fazer referências aos gigantes, às nações dos anões e dos "homens de pés invertidos" ().

O eurocentrismo marca suas crônicas, resultando numa visão generalizante do indígena, em que sobressai o interesse do conquistador em dominá-lo e controlá-lo como força de trabalho. Os dois cronistas reconhecem a superioridade do espanhol e vêem os naturais da terra como presas fáceis do demônio, almas que teriam de ser resgatadas. Todavia, também se pode encontrar o sentimento claramente expresso da fragilidade do europeu frente a um mundo hostil e o medo frente aos índios.

Em ambos aparece a obsessão pela busca do Eldorado. Eles procuram arrolar "pistas" que provoquem uma discussão em torno do "sonho" e justificar o deslocamento de aventureiros para a Nova Terra. Em torno da floresta equatorial e da grandeza do rio constroem-se os mitos que tinham por função envolver com um cenário especial a saga dos conquistadores em busca do Eldorado, do Reino da Pimenta e/ou Canela, do lago de Paititi, do reino das Amazonas.

À procura do Eldorado

Em algum ponto indeterminado, atravessado por um "mar branco" cujas vagas rolavam em areias de ouro e calhaus de diamantes, reinava Eldorado, um príncipe que se cobria de fino ouro em pó. Manoa, capital deste reino, cheia de palácios, alguns construídos de pedras ligadas por prata e com os tetos folheados de ouro, era guardada por mulheres brancas, altas e guerreiras... Essa e outras lendas impregnaram o universo mental da época da Conquista, atraindo muitos para o Novo Mundo. Pressionados por adversidades comuns à época, esses homens sonhavam encontrar o Paraíso, a fonte da juventude e fartura de ouro e pedras preciosas. Entre eles Orellana, que penetrou numa das regiões que desde o início das navegações instigava portugueses e espanhóis - a selva equatorial.

A lenda do País da Canela, no Oriente equatorial, cujas notícias de sua existência antecederam a chegada dos espanhóis, somava-se por essa época ao mito do Eldorado e começava a tomar fama em Quito.

Encontrava-se muito difundida também a crença de que os climas eram determinantes da distribuição dos metais que eram "criados" sob seus efeitos. Relacionando a riqueza com a latitude, não poucos eruditos acreditavam na possibilidade de se encontrar muito ouro perto da zona equatorial. Essa idéia sobre a relação sol-ouro era compartilhada por Gonzalo Pizarro, o qual acreditava que nas encostas da cordilheira dos Andes, sob a terra quente equatorial, deveriam existir veios auríferos dos quais os incas haviam extraído seus tesouros - "Meta". Já se encontrava implícita a idéia da existência de um país aurífero. À medida que se realizavam as expedições, a conformação de tal país foi adquirindo, pouco a pouco, foros de existência real. A noção de um país rico em ouro, dos primeiros anos da Conquista, vai sendo enriquecida de detalhes, levando à busca incessante pelas fontes auríferas, animada por uma cobiça desenfreada.

Em 1541, Gonzalo Pizarro partiu à procura do País da Canela e do Eldorado, tendo Orellana como seu lugar-tenente; mas as dificuldades do percurso, a falta de provisões e a imperícia ou resistência dos guias prolongavam a viagem, fazendo crescer o fantasma da fome e da fadiga, o descontentamento e a idéia da inutilidade da expedição. Frente à impossibilidade da marcha, o grupo se dividiu. Orellana, chefiando alguns homens e de posse de uma embarcação, desceu o rio à procura de aldeias que pudessem fornecer alimentos.

Seu grupo era composto por 57 homens, entre eles o dominicano Garpar de Carvajal, que deixou minucioso relato da viagem. A luta pela sobrevivência, a fome e o medo nas descrições de Carvajal apresentavam o dia-a-dia da expedição como uma "verdadeira odisséia". Nas acolhidas mais receptivas por parte dos indígenas tiveram seguidas notícias da existência de um reino de mulheres guerreiras - "grandes senhoras" que os espanhóis identificaram com as Amazonas - e ouviam dizer das riquezas que encontrariam rio abaixo. Na realidade, depois de separar-se de Pizarro, a quem interessava mais diretamente a procura da canela, Orellana pretendia principalmente che-

gar ao mar, porém a descoberta do País das Amazonas e de suas riquezas() se converteu num importante impulso ao navegador, sem dúvida permeado pelo receio do perigo oculto na obscuridade misteriosa da selva().

Somente em agosto de 1542, depois de vários meses de luta e fome, tendo perdido vários membros de sua expedição, é que Orellana encontra uma via de comunicação entre as terras altas do Peru e o Atlântico, chegando à foz do rio das Amazonas.

As histórias da expedição de Orellana e os mitos das Amazonas e do Eldorado fizeram com que, em 1617, da Inglaterra partisse Sir Walter Raleigh à procura dos tesouros. Também ele se refere aos batalhões de Amazonas que guardavam seus tesouros.

Anos mais tarde (1637) o capitão português Pedro Teixeira, com uma escolta de setenta soldados e 1.200 índios domesticados, como remadores e guerreiros, partiu de Cametá (Pará) com destino a Quito, onde chegou cerca de um ano depois. Incomodadas com as façanhas do navegador português, as autoridades espanholas planejaram a viagem de volta (1639), junto enviaram dois religiosos: o reitor de Cuenca, Cristóbal de Acuña, e André de Artieda.

Acuña foi incumbido de encaminhar seu relato de viagem às autoridades espanholas na América e posteriormente ao Conselho das Índias, de tal forma que o "documento" poderia influenciar ou até determinar estratégias de ação política na região. Esse relato só foi publicado em 1641, já num contexto pós União Ibérica e de tensões nas relações luso-castelhanas, motivo pelo qual a edição foi suprimida, o que tornou por muito tempo a obra extremamente rara.

Outros cronistas sucederam Carvajal e Acuña, mas pouco acrescentaram ao que estes haviam registrado, como que reconstruindo suas narrativas com certas mudanças de estilo. Assim, o elemento exótico, o olhar hierarquizado, o projeto civilizador continuaram presentes em 1689-91 nos escritos do padre Samuel Fritz, em 1743 nos relatos da expedição de M. de la Condamine, em 1799-1804 com Alexandre von Humboldt. Em todas essas viagens, sondou-se e ouviu-se contar o mito do reino das mulheres guerreiras.

Mitos examinados e estereótipos repensados na historiografia

Até recentemente os estudos históricos sobre a Conquista centraram suas análises na figura do héroi explorador, no conquistador aventureiro e seus feitos vitoriosos, vinculando-se a uma abordagem europocêntrica e a uma perspectiva masculina, que caracterizavam suas próprias fontes.

A procura de "outras histórias" gerou vários trabalhos na tentativa de preencher lacunas, pontuando a necessidade de estudos que integrassem a versão dos conquistados e mais recentemente as questões de gênero nas análises do processo de conquista e colonização; nesse sentido, somaram-se esforços e alguns estudos passaram a examinar a participação e os efeitos da colonização para homens e mulheres, bem como o impacto cultural e/ou os choques de integração.

Estudos sobre a participação feminina (branca e negra) no universo colonial demonstraram a presença e a ação das mulheres no Novo Mundo. No trabalho e na família, tanto no setor privado quanto no público, a experiência dessas mulheres vem sendo trazida à luz. Todavia, as dificuldades persistem ao se tentar discutir o processo de construção de identidade de gênero num momento rico de alterações, como foram a Conquista e o início do mundo colonial.

A produção historiográfica brasileira sobre as mulheres desenvolvida nos últimos 20 anos apresenta variadas abordagens, que analisam aspectos diferenciados da questão, tendo-se procurado resgatar as múltiplas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres no cotidiano, bem como sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos para encontrar brechas através das quais pudessem se expressar ou, ao menos, sobreviver.

Procurou-se reconstruir a estrutura ocupacional feminina num meio através do exercício de papéis improvisados, destacando e descobrindo sua presença constante na inserção no espaço público, onde as atividades femininas adquirem importância. A maior parte das pesquisas privilegiou o período colonial e anos iniciais do século XIX, localizando a mulher no espaço urbano, em sua faina para colaborar na manutenção da casa, quando não provendo sozinha o próprio sustento e o da família.

Destacaram-se também os estudos sobre o papel feminino na família, as relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade. Focalizando a intersecção entre o privado e o público, entre o individual e o social, o demográfico, o político e o erótico, esses estudos desenvolvidos na historiografia brasileira estiveram mais concentrados na análise do período colonial e início do século XIX, e desvendaram em particular as fontes ligadas à Igreja e ao Estado ().

Nessa produção recente mais significativa, poderes e lutas femininas vem sendo recuperados, **mitos examinados e estereótipos repensados**. Procurou-se rever imagens e enraizamentos impostos pela historiografia, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Revelaram-se novos perfis femininos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas().

Assim, num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico, enquanto sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento ao espaço do lar vêm sendo questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando-se testemunhos femininos.

Contudo, torna-se cada vez mais necessário, sem esquecer a opressão histórica sobre as mulheres, superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a "vitimização" da mulher - uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias - e a visão de uma "onipotência" feminina, que algumas vezes estabelece uma "heroicização" das mulheres ().

O crescimento da produção historiográfica permite apontar que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto os homens na história, quer destacando as diferenças de uma "cultura feminina", perdendo-se assim a multiplicidade do ser feminino, podendo-se cair numa mera perspectiva essencialista. Após essa fase inicial da necessi-

dade de tornar visíveis as mulheres, abre-se a possibilidade de se recobrar a experiência coletiva de homens e mulheres no passado em toda a sua complexidade, bem como procura-se um aprimoramento metodológico que permita recuperar os mecanismos das relações sociais entre os sexos e as contribuições de cada qual ao processo histórico.

Apesar dessa produção ampla, as pesquisas sobre a mulher e as representações femininas na época da conquista são ainda restritas, apresentando perfis incompletos. São estudos isolados, dificultados pelo trabalho com uma unidade grupal, que revelam os limites da utilização de certas categorias de gêneros descontextualizadas. Desse modo, **mulher** não constitui um simples aglomerado. Elementos como cultura, posição social, etnia, geração e ocupação devem ser ponderados e intercruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de estudos específicos que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas.

Destaca-se também a necessidade de rever certos mitos, desvendar o seu processo de construção, bem como os conflitos contidos nesse processo e expressos de formas várias. Propõe-se um novo olhar que procure desvendar certos ocultamentos na Conquista e início da ocupação da América, momento em que a construção de identidade de gênero se fez através da tecedura de uma trama em que estiveram presentes as relações de gênero-etnia-classe-geração num processo dinâmico que pressupõe **integração-diferenciação**, em que os perfis de comportamento de gênero se fazem, desfazem e refazem por uma diferenciação e também por uma integração masculino-feminino. Sendo necessário o resgate dessa dinâmica nesse processo de construção, isto é, recuperar o movimento interno da construção de identidade de gênero.

Navegando no Rio das Amazonas

Percorrendo os relatos de expedições pelo rio das Amazonas, em particular os de Frei Gaspar de Carvajal (1541-42) e Padre Acuña (1638-39), percebe-se a lenda como uma construção cultural de um tempo e uma época determinadas, numa sociedade de mulheres que vivia isolada de uma sociedade mista maior, e que encarnaria - por sua organização e comportamento - a "desordem".

Encontra-se certa unanimidade na aceitação da transposição para o Novo Mundo de uma configuração cultural ibérica. Onde estava difundida a imagem da inferioridade intelectual feminina e uma busca nos modelos clássicos gregos e romanos como exemplos e estereótipos de virtuosas virgens e matronas (). Assim, já que os homens eram levados a acreditar na inferioridade das mulheres e a idealizar certos padrões de comportamento ibéricos, que reação poderia deles esperar quando encontraram as índias.

Ao longo do século XVI novos elementos começaram gradativamente a circular e se difundir na Península Ibérica. A construção do Estado Nacional imporia a centralização e a unidade em detrimento da diversidade anterior, sendo que para isto se fazia neces-

sário também o assujeitamento dos corpos como estratégia política, a implantação de uma nova ordem moral através da culpabilidade da sexualidade e da repressão dos "desvios", em que pureza de sangue e a comprovação da legitimidade condicionaram a exigência da castidade feminina (). Todavia as tentativas de normatização do comportamento feminino e da sexualidade da mulher, não obstante a violência das perseguições, não se concretizaram inteiramente ().

Assim, valores misoginos expresso em adágios, cantigas, versos e ações cotidianas circulavam através de diálogos, estórias e folhetos impregnando de forma residual ou profundamente diferentes setores sociais de países europeus, em particular a Península Ibérica. Relatos e textos de teólogos, moralistas, confessores e médicos, contribuíam para sedimentar sentimentos misoginos impregnados de um desejo de normatizar as mulheres, esvazia-las de saberes e poderes. Essas ações transferem-se para a América, fazendo de um "processo civilizatório" a serviço do projeto de colonização, todavia cabe lembrar também que as peculiaridades da colonização que abriram caminho para uma razoável independência feminina e a diferença entre legislação espanhola que permitia maior autonomia que a portuguesa ().

Assim, se os europeus traziam em sua experiência aspectos de normatização que se explicitavam no seu imaginário, nesse estava presente e em formação o perfil ideal feminino, refletindo o perfil masculino. O discurso masculino ordenou e classificou o real através de categorias que se transformaram em universais e em exemplo de objetividade e racionalidade, impondo uma ordem dualista com rígidas classificações que desembocam no permitido x proibido, na desqualificação de uns e na supremacia de outros, procurando dar "naturalidade" a estas construções.

Procura-se-á abandonar as polarizações e deixar emergir as tensões entre os papéis masculinos e femininos, vislumbrando além de seus conflitos e complementaridades, que homens e mulheres são construtores de um imaginário, cujos mitos criados e que circulam nessa sociedade condicionaram as relações sociais concretas. É nesse universo que questiona-se sobre o significado do mito das Amazonas no processo de construção das identidades de gênero, no momento da conquista.

Na leitura dos relatos, o que nos chama a atenção num primeiro momento é a preocupação com pormenores e detalhes, bem como a procura de precisão. Na expedição de Orellana descrita por Carvajal, as notícias que recebiam sobre as Amazonas no percurso denotam certa ansiedade, medo e expectativa na aproximação de seu domínios:

"...os índios recomendaram que, se fossemos ver as amazonas, que chamam na sua língua de coniuquiara, que quer dizer grandes senhoras, que víssemos o que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas, e que nos matariam..."()

A proximidade do reino das Amazonas é detectada por outros indícios, o cronista destaca que as marcas de um território diferente, com descrições detalhadas e frequentes.

"...Nesse dia aportamos a uma aldeia ...havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma

cidade murada, com a sua cerca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas torres com as suas janelas, as torres com portas que se defrontavam, cada porta com duas colunas. Toda esta obra era sustentada sobre dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acutelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras. Havia no meio desta praça um buraco por onde deitavam, como oferenda ao sol, a chicha que é o vinho que eles bebem, sendo o sol que eles adoram e têm como seu Deus.

Era esse edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o Capitão e nós todos de tão admirável coisa. Perguntou o Capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que eles são súditos e tributários das Amazonas... Que as povoações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres...Saímos logo desta aldeia, encontramos a seguir uma outra, muito grande, que tinha o mesmo pranchão e divisa. Defendeu-se muito este povo ...passamos por outros muitos povoados, onde os índios nos esperavam em pé de guerra"()

Os enfrentamentos com índios mais belicosos se apresentava como um indicio da proximidade do reino da Amazonas, aumentando os cuidados, contudo os índios já se encontravam avisados, a 24 de junho de 1541, entraram no território das Amazonas, tendo sido recebidos com agressão, e o Capitão reagiu, dez ou doze delas guerreavam a frente de seus súditos como capitães. Mesmo frente a desvantagem numérica, eles mataram sete ou oito dessas guerreiras e fizeram um índio prisioneiro.

No relato de Carvajal, o índio prisioneiro, interrogado, diz que já esteve muitas vezes nas terras dessas mulheres varonis pagando vassalagem, diz que havia setenta aldeias, construídas de pedras e com portas, com caminhos que as interligavam e com sentinelas que cobravam a passagem. Descreve as riquezas desses territórios.

" Há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais possuem um serviço todo de ouro ou prata...na

capital e principal cidade há cinco casas muito grandes, que são adoratórios e casas dedicadas ao sol, as quais são por elas chamadas de caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas tem elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do sol. Andam vestidas de finíssima roupa de lan, porque há nessa terra muitas ovelhas do Peru. Seu traje é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos.

Disse mais que nesta terra, segundo compreendemos, há camelos que os carregam, e disse que há outros animais, que não conseguimos entender, que são do tamanho de um cavalo, com pêlos do comprimento de um gêmeo e com a pata fendida...Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitas e os fazem pagar tributos e que eles as sirvam; e que há outras com as quais vivem em guerra ".()

Na construção do mundo das Amazonas elaborada pelo cronista, é projetado a sociedade por ele conhecida, hierarquizada, dividida entre suditos e senhoras, cercada por uma corte sustentada por vassalos e possuindo guerreiras e sentinelas encabeçadas pela matriarca Conori. Alocadas numa região mais amena construíram suas casas de pedra, com portas e assoalhos sendo essas construções mais firmes e duradouras logo mais civilizadas também no trajar-se apresentavam sinais de civilização vestindo-se como nobres.

Na descrição de Carvajal eram mulheres fortes para submeter outros povos, porém não superiores em coragem aos heróis desbravadores que enfrentavam aquele mundo desconhecido. Por outro lado as notícias da existência do Templo do Sol onde os índios acumulavam grande quantidade de ouro, guardado pelas virgens do sol, se confundem com as informações sobre a existência de um país de mulheres Amazonas, as

quais seriam possuidoras de uma enorme quantidade de ouro ou pedras verdes de inestimável valor.

Esse mundo que além de cercado de pequenos edens com frutos, caça e pesca abundantes, apresentava ainda campos cultivados por uma população produtivas e que esconde tesouros riquíssimos.

" Além disso a terra é tão boa e fértil e tão ao natural como a de nossa Espanha, pois entramos nela por São João e já começavam os índios a queimar os campos. É terra temperada, onde se colherá muito trigo e se darão todas as árvores frutíferas. Além disso está aparelhada para criar todo o gado, porque há nelas muitas ervas como em nossa Espanha..."()

O novo é filtrado pelo já conhecido, assegurando a este a supremacia, usar a analogia é familiarizar o exótico. Era prática comparar as novidades vistas com algo já identificado, essa ação sedimentará a diferença que se encontra plena de hierarquias, manifesta nas expressões de degenerescência ou imaturidade sendo a construção de um olhar dos que sofrem o impacto de identificarem a totalidade de que fazem parte. Esses olhares tradutores da diversidade exprimem deslumbramento e desapontamento pela incapacidade de exercer o domínio e pelo desconforto ().

Os mitos amazônicos

Se a lenda das Amazonas, ou seja, de uma sociedade de mulheres nos confins do mundo, é européia e chega à América com os conquistadores, cabe destacar que eles ao chegarem, encontraram mitos entre os indígenas que contribuíram para fomentar o imaginário ibérico.

Como os mitos amazônicos - O do jurupari se inicia com uma era precedente e caótica, onde as mulheres supostamente governavam a terra sem justiça, nem piedade, mantendo os homens sob medo e submissão. Jurupari, o herói libertador, inverteu essa situação, ensinando de que não se devia permitir às mulheres imiscuírem-se nos negócios ou fazer parte dos ritos sagrados. Lutou contra elas e venceu, estabelecendo diretrizes para o comportamento sexual, dadas como princípios fundamentais da ordem social e sexual, transmitida de geração a geração pela narração do mito e a representação na cerimônia ().

Outro mito amazônico que circula entre os uaupés e os munducurus, que possuem flautas e as adoram como objetos sagrados, que as mulheres da tribo no passado con-

trolavam o seu uso. Elas ficavam sentadas em círculo tocando flauta e eram os homens que carregavam a lenha, traziam água, caçavam, cozinhavam e se sujeitavam às suas exigências sexuais, esse período de predominância feminina acabou quando os homens enganaram as mulheres e lhes tomaram as flautas ().

Em nenhuma versão as mulheres vencem, invariavelmente os mitos terminam com os homens no poder, delas são apreendidos os símbolos de poder (flautas, as mascaras, etc), como eternas perdedoras, evocando-se uma visão alternativa catastrófica de uma sociedade dominada pelas mulheres, lembrando que elas possuíram e perderam o poder, e que essa perda determinou de uma conduta inadequada, assim os direitos e privilégios masculinos são documentados, justificados e ritualizados.

No entanto, grande parte dos mitos indígenas, de transmissão oral, em grande parte se perderam, e o que chegou até nós foram os escritos dos conquistadores, onde as vozes se mesclam, o imaginário, os relatos e as experiências de uns e de outros se fundem num texto único.

A perplexidade perante o novo desperta também uma predisposição para o retorno de mitos da Antiguidade Clássica, recriando a imagem dos conquistadores embrenhados num universo desconhecido, procurando a riqueza de um Eldorado, pretendendo descobrir e desvendar. Não podemos deixar de lembrar que o mito do Eldorado, além da representação da riqueza que possibilitaria a realização de todos os desejos e significaria poder, se encontrava vinculado à idéia de paraíso, onde o espaço físico referido era de fertilidade, beleza e prazer, sinônimo de felicidade plena ().

Assim as coniuquiarias () - "grandes senhoras"- foram automaticamente identificadas com as Amazonas míticas, as guardiãs de um Éden tropical. Esses homens reviviam, sem saber, mitos que lhes haviam chegado de lugares e tempos remotos, reconstituindo nesse contexto elementos particulares que adquiriram ou revelaram outros significados. Como eles, essas mulheres tinham espírito de aventura e a cobiça, eram conquistadoras de outros povos e possuíam tesouros capazes de enriquecer o mundo inteiro. Dessa forma, o mito, com a ansiedade da aventura, o medo e a atração pelo desconhecido, pela riqueza e descoberta faz aflorar no imaginário dos europeus a lenda da Antiguidade, as crônicas de outros viajantes, que retorna, circula, interpenetra com o mito das "grandes senhoras sem homem" e outros mitos amazônicos e das virgens do sol, relaciona-se com a lenda do Eldorado, transforma-se e reflete as imagens ideais do masculino-feminino e a sua inversão - o "não deve ser".

Com Acuña (1639), o discurso sofreu ajustes, invocou-se a atribuição de novos significados e predicados, a constância das imagens centrais acumulou certos elementos que procuravam manter certa integridade e coerência. Rastrear as aproximações, variações entre esses textos é sugestivo e instigante. O medo do desconhecido e a ansiedade amenizavam-se sendo substituídos pela preocupação em dar veracidade ao relato de alguém que se encontrava a serviço de EL Rei. Percebe-se a influência de notícias anteriores e sua preocupação em precisar a localização dessa sociedade:

"Os fundamentos que há para assegurar Província de Amazonas

neste rio são tantas, e tão fortes, que seria faltar à fé

humana o não lhes dar crédito... asseguram era estar ele

povoado de uma Província de mulheres guerreiras, que

sustentando-se sozinhas, sem varões, com os quais apenas de tempos em tempos tinham coabitação, viviam em suas aldeias cultivando as suas terras e alcançando com o trabalho de suas mãos todo o necessário para o seu sustento...

Só lanço mão do que ouvi com os meus ouvidos e com cuidado averigüei desde que pusemos pé neste rio, no qual não há geralmente coisa mais comum, e que ninguém ignora, que se dizer que nele habitam estas mulheres, dando sinais tão particulares, que concordando todas as suas informações umas com as outras, não é crível que uma mentira se pudesse ter enraizado em tantas línguas e tantas nações, com tantas visões de verdade.

Mas onde mais luz obtivemos do sítio onde vivem estas mulheres, dos seus costumes, dos índios que têm relações com elas, dos caminhos pelos quais se penetra em suas terras, e dos naturais que os povoam (que é a que aqui darei) foi na última aldeia onde acaba a Província dos Tupinambás...

Estas mulheres varonis têm sua sede entre grandes montes e altíssimos cerros, dos quais o que mais se aldea entre os outros, e que, como o mais soberbo, é combatido dos ventos com mais rigor, pelo que sempre se mostra descalvado e limpo de vegetação, se chama Yacamiaba."()

A preocupação com a veracidade e a exatidão da localização é sucedida pela descrição da organização dessa sociedade e do comportamento e ação dessas mulheres.

Uma sociedade de mulheres sós

Carvajal destaca algumas características dessas mulheres, em particular a belicosidade e a capacidade de se auto-sustentar e se organizar:

"...íamos desta maneira caminhando quando demos de chofre na boa terra e senhoria das amazonas...Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas...

Perguntou-lhe o Capitão que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los e fazer-nos a guerra. Disse o índio que eram mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e por ser este senhor Couynco seu súdito, tinham vindo guardar a costa. Perguntou o capitão se estas mulheres eram casadas e o índio disse que não. Perguntou o Capitão de que modo vivem. Respondeu o índio que viviam no interior, e que ele tinha lá estado muitas vezes e visto o seu trato e residências, pois como seu vassalo ia levar o tributo, quando o senhor o mandava. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram muitas. Disse o índio que sim, e que ele sabia, pelo nome, setenta aldeias, e os contou diante dos que aí estávamos, e que em algumas havia estado. Perguntou o Capitão se estas aldeias eram de palha. Disse o índio que não, mas de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos...

Tudo o que este índio disse, já nos haviam contado a umas seis léguas de Quito, porque ali falam muito nestas mulheres, e para vê-las vêm muitos índios 1.400 léguas rio

abaixo. Assim nos diziam lá em cima os índios, que quem tivesse de descer à terra destas mulheres tinha de ir rapaz e voltar velho. Disse que a terra é fria e que há pouca lenha, sendo muito abundante em todas as comidas. Também disse muitas outras coisas, e cada dia vai descobrindo mais, porque é um índio de muita razão e muito entendido..."()

No relato desta primeira expedição ficam patentes as dificuldades de Orellana em se comunicar com os índios, em particular neste interrogatório, com a necessidade de lançar mão de gestos, fazendo com que muitas das perguntas do espanhol induzissem respostas prefiguradas. Percebe-se que o mito de origem européia, escutado há muito tempo, que ele teria tido notícias dessa mulher quando se formava militar no Peru, assim o mito foi recuperado e reinterpretado durante os contatos.

Nele as Amazonas foram reconhecidas como mulheres belicosas, isoladas, selvagens e insubmissas, conhecedoras de saberes da guerra e com capacidade de se organizar, com um governo próprio, sem a presença e a ajuda de homens, e além de serem conquistadoras e possuírem "tributários". Em suas terras e senhorios os alimentos eram abundantes demonstrando as habilidades dessas mulheres em manter-se. Aos viajantes, causavam espanto, estranheza e também atração, visto que representavam uma inversão na imagem feminina européia, que apregoava a mulher voltada para a procriação e criação dos filhos, e portanto inapta a tomar parte em atividades ligadas com a morte, como a guerra e a caça, ou com o governo.

A imagem presente nos relatos nos leva a refletir sobre o significado dessa presumida sociedade dominada por mulheres. Sem bases empíricas, o matriarcado é visto de maneira variada, definido por uns como uma sociedade onde as mulheres dominariam os homens, uma espécie de inversão do patriarcado, e por outros como qualquer organização social em que a mulher tem o poder sobre algum aspecto da vida pública ou, ainda, qualquer sociedade em que a mulher tenha um status relativamente alto (). Já outros autores identificavam o matriarcado como o primado das mães, referindo-se às Amazonas como sociedade "deformada" ().

A polêmica em torno do tema concentra-se geralmente na falta de evidências históricas do governo feminino, mas a questão aqui colocada é outra: a da importância da mitologia do matriarcado. Portanto, não se trata aqui de saber se as mulheres mantinham ou não posições de importância política em algum momento e lugar da história, ou mesmo se usavam armas ou lutavam em batalhas, como as Amazonas supostamente haviam feito. Importa antes o fato de existirem e se reproduzirem mitos afirmando que as mulheres fizeram isso e depois deixaram de fazê-lo. Este status mitológico dos matriarcados relataria um fragmento de uma experiência coletiva que necessariamente existe fora do tempo e lugar determinados, independentemente de sua universalidade, visando justificar a realidade, recolocar e reorganizar sua vivência genérica ().

Alguns autores sugerem que em sua repetição e circularidade o mito representaria uma resistência masculina a qualquer possibilidade de emancipação das mulheres.

Para outros, esse mito revela aspirações femininas por igualdade, revolta contra dominação masculina e desejo de participar de suas atividades como a caça, a guerra, o governo ().

Esta certa universalidade e persistência do tema da mulher poderosa, guerreira, perigosa e rival do homem, sua presença em lendas, tradições, crônicas talvez sejam ditadas por uma pulsão fundamental do masculino que necessita constantemente referendar seu poder rememorando o mito, suas inseguranças e inquietudes.

Oposição, separação e diferenças genéricas não são exclusivas do imaginário. Assim, o mito do governo feminino contém leis e normatizações de procedimentos para determinar os papéis sexuais. O mito, em sua repetição e circularidade, reforça que as mulheres não foram feitas para o governo e não sabem organizar o poder, reafirmando a imagem da mulher ideal longe desta órbita de ação. Desta forma, mulheres que se mantêm sós, sem marido, livres da lei masculina, com a força e o domínio sobre a selva, mundo desconhecido e misterioso, são identificadas como possuidoras de poderes, envolvendo-as numa outra dimensão, a da fascinação. Por outro lado, a versão da mulher expressa por esse mito é a de que ela representa o caos e o desgoverno, inclusive através da sexualidade enganosa e desenfreada, permitindo a evocação de uma visão alternativa deformada e de desordem de uma sociedade dominada por mulheres.

A sexualidade, o corpo e a maternidade

A lenda apresenta uma sociedade criada pelo imaginário masculino, porém habitada exclusivamente por mulheres, com uma organização que privilegiava o prazer - o que seria a "desordem", oposta à sociedade patriarcal por eles conhecida.

As Amazonas encarnariam a voluptuosidade, a recusa à submissão sexual, a afirmação de sua própria sexualidade. Sendo assim descritas:

" Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco-espinho.

Voltando ao nosso propósito e combate. Foi nosso Senhor

servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos..."()

As Amazonas são identificadas como fortes e bravas guerreiras "fazendo tanta guerra como dez índios". Andavam "nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas", instrumentos identificados com a guerra e com o universo masculino. A nudez feminina não aparece como em outras cartas e crônicas como inocência e naturalidade, aí ela é sensualizada e criticada, procurava-se exorcizar o novo, que ameaçava.

No imaginário masculino, o comportamento e a sexualidade desses corpos femininos () foram dotados de diferentes significados, geralmente negativos e desqualificadores. Oscilando entre a inocência dos corpos nus ou a opção consciente pelo pecado eram obcecados pela ocultação dos corpos, devido a todo o rigor de uma época o tempo das Reformas-, as crônicas apresentavam manifestações de horror à nudez dos índios, especialmente a das partes genitais, sendo a nudez e a promiscuidade vinculadas com o desregramento das relações sexuais().

No relato existe a necessidade de, depois das Amazonas terem sido derrotadas por eles, comprovar a sua superioridade, assim como justificar a dominação. Em diferentes momentos históricos, cada cultura produz e reproduz sistemas que organizam e regulam comportamentos. Organizados em redes, constroem símbolos que intervêm na construção da identidade de gênero, segundo um certo perfil desejado. Pode-se então afirmar que há elementos simbólicos cultural e historicamente elaborados para criar, sustentar e afiançar as diferenças de gênero. A coragem e o mérito dos conquistadores ao vencer essas mulheres é maior ainda. No caso das Amazonas, eram mulheres dotadas de um desejo sexual desmesurado:

"...estas índias coabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal... Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitos e os fazem pagar tributos e exigem que eles as sirvam..."()

Na lenda da Amazonas reconstruída pelos conquistadores, essas mulheres tinham sexualidade desenfreada, e os homens seriam para elas objetos de seus desejos e elementos que lhes permitiam a continuação da espécie e de sua organização social, criando uma inversão dos papéis. Assim, sexualidade marcante, independência e comando, antes de uma aspiração feminina, são uma fantasia masculina, afirmação fundamentada em resquícios que ficaram agarrados à representação. O medo dessas mu-

lheres, inspirava mistérios e mitos, que faziam do corpo feminino o estranho e o singular, o que atrai e o que repulsa. Assim, as Amazonas apareciam como insaciáveis, fascinantes e perigosas, além de precisarem ser adestradas. O ideal feminino construído apregoava a passividade, a vergonha, esposa fiel, mãe zelosa, servidão obediência, paciência e recato em contra ponto a mulher sem virtudes, desonesta, perigosa, atrevida.

Em Acuña, o aspecto da sexualidade não é apresentado como "aquele desejo" e não se encontra tão diretamente vinculado à guerra, mas à liberdade de escolha que se mantém na órbita feminina.

" São mulheres de grande coragem e das quais sempre se soube terem pouco contato com os homens, a não ser quando estes, por acordo que com elas mantêm, vêm todos os anos a suas terras. Elas os recebem de armas nas mãos, que são arcos e flechas, que atiram durante algum tempo, até que, certificando-se de que vêm de paz os conhecidos, deixando as armas, acodem todas as canoas ou embarcações dos visitantes. Ali, cada uma pega a rede que encontra mais à mão a levam para casa, e pendurando-se em sítio onde o dono a reconheça, o recebendo a este como hóspede aqueles poucos dias, depois do que eles voltam as suas terras, repetindo-se todos os anos esta viagem pela mesma época."()

O mito é claramente misógino. No relato de Acuña elas deixavam os homens chegar; em Carvajal, "quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada". Assim, pelo desejo, elas atacavam, guerreavam e conquistavam, reproduzindo o ideal da virilidade colonizadora.

O mito, como uma construção masculina, ao mesmo tempo que contém críticas à ordem sexual estabelecida, determina simultaneamente as características masculinas e femininas ideais. Ao delinear as Amazonas em oposição ao seu ideal feminino, a ausência dessas características atrai e/ou repele. **Identidade e diferenciação** não são senão faces de um mesmo processo, em que as relações são permeadas pelo poder.

A própria dinâmica do discurso pela associação da contingência e do sentido que se faz, se desfaz e se refaz incessantemente não pode ser identificada com uma cópia formal ou alienada de certo mito, mas com um mosaico que foi sendo montado durante um trajeto.

No auto espanhol "Las Amazonas en las Indias", é descrita a chegada de Pizarro aos

domínios das Amazonas. Uma delas, Menalipe, cai de amores por ele e trata de persuadi-lo a ficar em sua companhia, mas o colonizador a rapta e mesmo frente às suas resistências a domina e submete. A peça, baseada na lenda grega do rapto de Antíopa por Teseu, reproduz a submissão da "mulher bárbara" ao "héroi civilizador", mediante a confirmação do estereótipo da irracionalidade feminina vinculada aos sentimentos, o que legitimaria o controle masculino através da submissão das mulheres à autoridade "racional-natural". Assim, a construção do mito das Amazonas recupera o arquétipo feminino e masculino: as bravas guerreiras conquistadoras só poderiam ser submetidas por hérois conquistadores, guerreiros viris, imbuídos de um poder e encarregados de civilizar e impor uma nova ordem, em que a mulher deveria ter um outro perfil - passiva, submissa, recolhida à família e à maternidade.

A maternidade, visando à perpetuação dessa sociedade de mulheres-sós, causava estranheza, explicitada em Carvajal:

"Perguntou-lhe o Capitão se estas mulheres pariam. Disse o índio que sim. Perguntou o Capitão como, não sendo casadas, nem residindo homens com elas, emprenhavam. Ele disse que estas índias coabitam com índios de tempos em tempos ... e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra. Disse mais que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo de sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhori."()

Um reino composto por mulheres brancas que só mantinham contato sexual com homens também brancos e escolhidos entre os mais valentes da região, pode pressupor a preocupação com uma raça forte e guerreira mas exclusivamente feminina.

Também Acuña identifica o caráter seletivo quanto ao sexo, na maternidade, reproduzindo o mito grego:

"...As filhas mulheres, nascidas desta união, elas conservam e criam entre si, pois são as que hão de perpetuar a valentia e os costumes de sua comunidade; mas quanto aos filhos homens, não se sabe ao certo o que deles fazem. Um índio que, quando menino, estivera com seu pai nessa entrada, afirmou que elas entregavam os filhos varões a seus

pais no ano subsequente, quando eles voltavam àquelas terras. Os demais, porém, e é o que parece mais certo por ser a versão mais comum, dizem que, reconhecendo-os como tais, elas lhes tiram a vida. Só o tempo revelará a verdade sobre se estas são as famosas Amazonas dos historiadores, e se em sua comarca estão guardados tesouros suficientes para enriquecer o mundo todo..."()

Aos europeus do século XVI e XVII era de certa forma difícil conceber a historicidade da instituição familiar, ou seja, suas alterações e transformações no tempo. Nesse universo mental, a família patriarcal retrocedia ao Jardim do Éden, onde a sujeição da mulher ao homem era aprazível, como o momento do começo da história humana, quando o matrimônio monógamo tirou a humanidade da horda da promiscuidade. Os curiosos costumes sexuais no Novo Mundo eram citados meramente para identificá-los como produto de selvageria e degeneração, como exemplo a maternidade seletiva, em que a preservação exclusiva de crianças do sexo feminino visava perpetuar as tradições da sociedade e manter o poder nas mãos das mulheres.

A expressão "sem seio" (a - mazon) pode também, em sentido figurado, referir-se a maternidade, designando mulheres que tenham sacrificado as "funções naturais" de seu sexo. Somente no relato de um outro cronista, o jesuíta Alonso Rojas que viaja pela região em 1637, é que aparece a referência mais direta à ausência de seio:

" Disseram estes índios ao soldado que os entendia, que nas bandas do Norte, aonde iam uma vez por ano, havia umas mulheres, e ficavam com elas dois meses e se dessa união tinham parido filhos, os traziam consigo, e as filhas ficavam com as mães. E que eram mulheres que não tinham mais de um seio, muito grandes de corpo, e que diziam que os homens barbados eram seus parentes, e que os levassem ali.

A estas índias chamam comumente Amazonas." ()

Também no relato os conquistadores assumem a condição de "parentes" das guerreiras o que significaria direito a usufruir e explorar a área o rio das Amazonas.

Os cronistas, ao encontrar novidades ininteligíveis, reduziam-nas a relatos conhecidos, em que a ambição, a glória e a riqueza estavam intercruzadas. Carvajal esforçava-se por realçar a valentia, coragem e sagacidade do capitão da expedição e de outros membros, descrevendo a viagem como uma verdadeira odisséia. A glória dos heróis antigos e os empreendimentos dos protagonistas de outras aventuras impeliam-nos a buscar um lugar em uma história, com a meta de também tornarem-se heróis.

A narrativa dos cronistas revela um descompasso entre o "ser" e o "deve ser", cria re-

apresentações ideais, aproximando-as de imagens indeterminadas para preservar a sua manutenção. Tendo como representação antecipada o ideal a ser vislumbrado, fundiram a situação de um dado momento com a representação de um estado final e ideal.

Representações e Poder

Nos relatos percebe-se que, em contraposição ao perfil esboçado das Amazonas, simultaneamente se constroem as noções de virilidade masculina e castidade feminina. De fato, não há contradições no processo, que são mutuamente dependentes e relacionados com a questão da normatização da sexualidade.

As imagens masculinas e femininas construídas nesses discursos não só consolidam diferenças como contêm hierarquias. São imagens de poder que explicitam visões mais voltadas para o "deve ser" do que para o "ser", num processo de construção das identidades de gênero regido por uma dinâmica de relações de dominação e exclusão. O discurso masculino sobre a mulher vai ficando cada vez mais agressivo, marcado por variações de misoginia que se apresentavam ora violentas, ora sutis e paternalistas, embuídas pelo desejo de enquadrar as mulheres dentro de leis e normas. Tomando-se explícito através da desvalorização prática e simbólica da mulher, o prestígio se consubstancia na noção de honra, que resulta ameaçável nos termos da conduta moral feminina (). Tal configuração cultural promove um sistema de relações com alto grau de tensão e violência, em que a idéia de prestígio, honra e governo se encontrava vinculada ao poder masculino, cujo exercício estaria na centralidade da moral e do controle femininos.

Nos relatos desses cronistas percebe-se o entrelaçamento das imagens femininas e masculinas, que se constituíram num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituintes e constituídas, movimentos internos geraram transformações na enunciação que procurou definir e obscurecer as contradições existentes. Assim, a construção do gênero é simultaneamente o produto e o processo de sua representação.

O discurso dessas narrativas compreendia uma rede de significados intrincada, lacunar e fragmentada, mas que pretendia mostrar-se universal. Camuflava essa contradição procurando apresentar-se como coerente e íntegro; com uma trama multidimensional, visava persuadir e ocultar. Há uma contradição irreconciliável entre a mulher como representação e as mulheres como sujeitos históricos situados dentro e fora da representação.

O texto de Acuña, posterior ao Concílio de Trento, apresenta de forma mais explícita a influência religiosa e filosófica da Companhia de Jesus, do Concílio e da Inquisição, permeada de referências à Bíblia e aos clássicos, destacando como virtude feminina a honestidade e derivando o ideal de virtude feminina do ideal de honra masculino. Mais

do que apresentar o que deveria ser a mulher, mostra para o que não deveria estar voltada: a guerra, o governo e o Estado.

Cabe ainda ressaltar que a imagem das Amazonas, imagem invertida do ideal masculino sobre o feminino, nem sempre atuou para manter as mulheres em sua situação. Sendo o desempenho guerreiro um papel masculino em toda parte, e também um comportamento em geral vedado às mulheres, a imagem das Amazonas, operou primeiro para ampliar as oposições ao comportamento das mulheres dentro e fora do casamento e segundo para sancionar o motim e a desobediência políticas de homens e mulheres. A representação da Amazonas na literatura e iconografia, freqüente nos séculos XVI e XVII, nos leva a crer que a imagem teria a potencialidade de inspirar em algumas mulheres a ação e levá-las a refletir sobre suas possibilidades. Além do mais, a "mulher fora de lugar" alimentou a fantasia de algumas mulheres reais e pode ter inspirado ações excepcionais.

Na literatura, relatos e provérbios, a imagem das Amazonas em vários momentos foi diretamente recuperada e relacionada às potencialidades femininas, à mulher rebelde, à inversão da sexualidade (), ao poder feminino e até à loucura feminina.

Representar a mulher no poder foi recurso de reflexão feminina sobre as potencialidades da mulher. O mito volta periodicamente modificado, alternando-se. No início do século XVIII, as especulações sobre as "virtuosas" Amazonas estariam relacionadas à legitimação ao governo das rainhas européias, senão também à sugestão da possibilidade de ampliar a cidadania das mulheres. Pierre Petit e Claude Guyon trataram de encontrar argumentos plausíveis para explicar sua bravura, bem como de comprovar a sua existência. Já Poullain de la Barre usou-as em seus argumentos para a entrada das mulheres na magistratura, e nos primeiros anos da Revolução Francesa Condorcet e Olympe de Gouges fizeram um apelo em favor da plena cidadania das mulheres com argumentos sustentados na potencialidade feminina-amazona.

As Amazonas se mantêm como personagens constantes na literatura e na pintura dos séculos XVIII e XIX. Duas figuras femininas se destacam: a do anjo da casa e a das que se rebelam contra as regras selecionando livremente o celibato, libertando-se do matrimônio as Amazonas liberadas. Michelle Perrot lembra que, nos finais do século XIX e começo do século XX, Nathalie Clifford-Barney, Renée Vivien, Gerthudes Stein e suas amigas, além de outras artistas do Art Nouveau ou da vanguarda, formavam uma plêiade de "mulheres novas" - escritoras, artistas, advogadas, médicas, professoras. Algumas lésbicas reconhecidas em "toda Paris" reivindicavam o direito de viver como os homens, recuperando o mito das Amazonas (), o mito também é recuperado por quem tem medo dessa liberdade das mulheres que ameaça privilégios e relações estabelecidas.

Movimentos de mulheres e feministas durante o século XX também usaram a imagem das Amazonas, instigando à luta pelos direitos femininos de igualdade e de cidadania.